

CARLOS GIL, FOTO-REPÓRTER DA REVOLUÇÃO

Carlos Gil foi, em simultâneo, um excelente foto-repórter e um cidadão empenhado, que desde o seu tempo de estudante de Coimbra (onde lhe nasceu, ou começou a cultivar, um outra paixão: o teatro) teve ideais democráticos. Tendo principiado no jornalismo profissional em 1968, em *A Capital*, no início na escrita, Carlos Gil haveria de ter uma intensa actividade, sempre com uma grande atenção ao real e um olhar crítico, vigilante, face aos acontecimentos sociais e políticos do seu e nosso País. Tendo também feito grandes reportagens em numerosos países, designadamente no Iraque, em Salvador e em várias ex-colónias. Diversos livros e não menos exposições - uma delas *Volta ao Mundo em 80 Fotos (25 anos de fotojornalismo)* - dão fê também da sua obra. Prematuramente desaparecido, em 2001, com menos de 60 anos, Carlos Gil foi ainda, além do resto, um dos raros foto-repórteres que cobriu o 25 de Abril desde as primeiras horas - e que melhor o cobriu, sendo de sua autoria algumas das suas imagens



históricas, publicadas em Portugal e no estrangeiro. E, depois, continuou a fotografar, como ele sabia, tudo o que de mais importante se seguiu (por exemplo, a sua foto do 1.º de

Maio, que publicamos na pág. 11, é um documento único) e as mais destacadas figuras, militares e civis, da revolução e do pós-revolução. Como, na medida do possível, já tinha fotografado antes - até Salazar, Tomás, Caetano.

Assim, impunha-se editar um álbum seu, como este *Um fotógrafo na Revolução*, no qual merece particular destaque a parte referente à semana 25 de Abril - 1 de Maio, sobre a qual em especial incide o enfoque destas páginas do **JL**. Os outros capítulos são: Antigamente (o 1.º, claro, do período da ditadura), O PREC e Figuras e Figurões. A terminar, uma cronologia.

O livro/álbum tem coordenação (e posfácio) do filho do fotógrafo, Daniel Gil, e organização e textos do jornalista - que também cobriu, e muito bem, o 25 de Abril -, Adelino Gomes, que a terminar o prefácio da obra sublinha que o repórter, nas suas imagens do dia libertador, tem sempre o mesmo «ângulo»: «De pé, sem ambiguidades, do lado dos revoltosos e inconformados, contra a ditadura, pela liberdade». Até agora, e do que já conhecemos, o melhor que saiu nestes dias para assinalar os 30 anos do 25 de Abril. Um livro/álbum que vale mesmo a pena e que Carlos Gil merecia.

Carlos Gil
UM FOTÓGRAFO NA REVOLUÇÃO
 Ed. Caminho, 200 páginas, 34,55 euros

Um único dia



**ALICE
VIEIRA**

Do 25 de Abril ao 1.º de Maio decorreu apenas um dia. Nesse ano de 1974 isso haveria de acontecer muitas vezes: os dias a não terem fronteiras, as noites a ligarem-se às manhãs e as manhãs às noites e ninguém perdia tempo a perguntar “que dia é hoje?” Porque todos os dias eram dias novos, e todos os dias as coisas se faziam pela primeira vez, e todos os dias apareciam rostos novos à nossa frente, e todos nos tratávamos por tu, e começámos a habituar-nos a beijar os nossos amigos, em vez do frio e distante aperto de mão. Da madrugada de 24 para 25 (não, não venham dizer como, nos antigos manuais de História se dizia do 1.º de Dezembro de 1640: “nem uma nuvem toldava o sol”...) e nas madrugadas seguintes andámos todos a levar café quente aos soldados que vigiavam pontos importantes da cidade, aguentando a chuva. Eram muito novos e acho que nem percebiam muito bem o que estava a acontecer. E de repente vejo-me, com outros jornalistas, escritores, políticos no meio de uma reunião cheia de fumo (o tabaco então ainda não matava oficialmente) na EPAM (Escola Prática de Administração Militar, se a minha fraca memória para siglas não me engana), convocados pelo Coronel Marcelino Marques, preocupadíssimo com o 1.º de Maio que se aproximava. Tudo tinha corrido tão bem até ali, uma revolução sem derramamento de sangue, onde é que já se vira?, era preciso continuar assim, era preciso não descarrilar, por amor de Deus tenham

cuidado com o que vão fazer no 1.º de Maio! Claro que teria de ser festejado, e bem festejado, mas muita gente junta, às vezes é uma complicação, basta uma palavra de ordem mais inflamada, é o rastilho, ó meus senhores, a revolução ainda não tem uma semana! E se, em vez de acções políticas, em vez de manifestações, o povo se manifestasse

Do 25 de Abril ao 1.º de Maio viveu-se o dia mais longo e mais comovente da revolução. Gostávamos todos muito uns dos outros e íamos ser felizes para sempre. Como nos filmes

civicamente, dando o exemplo em tantas coisas que precisavam de ser mudadas, chamando a atenção para problemas que é urgente resolver, ó meus senhores, a revolução ainda não tem uma semana, não vamos estragar tudo!

Deve ter havido muitas e desvairadas propostas. À distância destes anos todos confesso que não me lembro. Só, me lembro de, a dada altura, o coronel Marcelino Marques, temendo pelo futuro da sua e nossa revolução, ter atirado, em voz mansa, a ver se pegava: “E se, por exemplo, fossemos limpar as praias?”

As praias continuavam sujas, e os receios do meu amigo Marcelino Marques foram infundados: o 1.º de Maio de 1974 foi qualquer coisa que ultrapassou tudo o que está nas fotografias, nos registos, nos filmes.

Do 25 de Abril ao 1.º de Maio viveu-se o dia mais longo e mais comovente da revolução. Gostávamos todos muito uns dos outros e íamos ser felizes para sempre. Como nos filmes.



Epifania



**MÁRIO
CLÁUDIO**

A semana sobre que nos debruçamos, procurando extrair um fio que confira solidez àquilo a que chamamos História, seria dessas em que os episódios vitais se engastam na matéria de que se fazem os sonhos. E isto não se deverá apenas à circunstância de afinal se nos ter configurado o que nos timbrava a existência de algum messianismo, mas também ao facto incontestável de se nos diluir frequentemente na memória aquilo que nela deveria deixar a marca mais profunda.

Da velha agenda de 1974, ainda em meu poder, transcrevemos as entradas correspondentes a esses dias de alegria sobressaltada. Nela aparece em 25 de Abril uma legenda, inscrita a lápis, e em maiúsculas, onde se lê MOVIMENTO DAS FORÇAS ARMADAS, DERRUBE DO GOVERNO, CONSTITUIÇÃO DA JUNTA DE SALVAÇÃO NACIONAL. A boa nova apanhar-me-ia na cama, trazida telefonicamente por um querido companheiro de infância, Jorge Guimarães, e o pasmo rimava com a claridade, tão de sol era a paisagem para além da vidraça, tão de promessas a cumprir de imediato. Durante toda a manhã e parte da tarde procurei trabalhar com a serenidade possível na Biblioteca Pública de Vila Nova de Gaia, da qual era então o responsável, mas o resto do dia e a noite inteira passei-os diante do televisor, acompanhado por meus Pais, por Corino de Andrade e por outros familiares. Sexta-feira, 26 de Abril, vivi-a no lugar de trabalho e em casa, sempre entre amigos e notícias. Onde acabaria o hábi-

to, onde principiaria a Revolução, já nem sequer a que acontecera em Portugal, mas a que começava a esculpir-nos à sua medida? Em 27, um Sábado, aparentemente à margem dos acontecimentos, fui ao Ateu Comercial do Porto, falar com porventura boa dose de ingenuidade de “Alguns Aspectos da Literatura Portuguesa Contemporânea”. A vida não se suspendera apesar de tudo, prosseguia pelo contrário com muito mais força, mas ainda hoje me parece extraordinário como se quadrava a vivência de uma esperança enfim realizada com a rotina das tarefas quotidianas. As jornadas seguintes contemplariam o ajuste dos afectos, a partilha da vitória, as mensagens exultantes que vinham dos que estavam longe. 28 e 29, Domingo e Segunda-feira, cumpri-ros entre os jornais, a televisão e miúdos esboços de uma escrita

afinal inconsequente. A que missões poderia eu condenar a pena romba, perdida no labirinto dos sentidos que se lhe abriam, transida por um êxtase de difícil expressão? A 30 de Abril, Terça-feira, encontrei-me com Eugénio de Andrade e com Giuseppe Mea. Não sei que temas nos teriam animado a conversa, mas não duvido de como teria sido empolgante cada frase. No histórico 1 de Maio participei na manifestação que encheu as ruas da baixa do Porto, integrando um pequeno grupo, representativo da Associação Portuguesa de Escritores. Escassas semanas depois sairia o meu primeiro romance, *Um Verão Assim*. Nele aparecia uma Ave sinistra, dormitando numa intransponível cidadela, que seria assassinada por um magote de crianças que haveriam de a sepultar sob uma chuva de flores vermelhas.

Quem ousaria negar que àquele autor estreante fora conferido o dom da profecia? Tem destes prémios a lembrança de quem não se esqueceu de si mesmo.

A vida não se suspendera apesar de tudo, prosseguia pelo contrário com muito mais força, mas ainda hoje me parece extraordinário como se quadrava a vivência de uma esperança enfim realizada com a rotina das tarefas quotidianas